



A IMPORTÂNCIA DA REFERÊNCIA FAMILIAR NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

KERBER, Keli ¹

DALMOLIN Débora²

RESUMO

O trabalho apresentado trás a trajetória na evolução da história dos conceitos de família, relatando de como era vista há tempos atrás e qual a visão que se tem hoje. Buscando-se não tratar de um modelo apenas, mas sim de todas as representações. Da mesma forma o sentimento de infância, que não existia vistos apenas como adultos em miniaturas, na contemporaneidade as crianças entendidos e amparadas por leis e estatutos com direitos e deveres a serem cumpridos. Através da pesquisa realizada pode-se perceber que a família está ligada a educação da criança, no trabalho buscou-se trazer a importância da Referência Familiar. Sendo está necessária ao desenvolvimento psicológico, social e emocional do individuo. Dessa forma a referência familiar é contribuinte para o processo de socialização. Desta forma, destaca-se que a referencia familiar não implica no desenvolvimento da criança, mas sim a estrutura dessa família. De nada adianta uma família com pai e mãe se a convivência não for adequada. O que implicará na vida da criança é a educação que ela receberá, por aqueles que fazem parte do seu cotidiano.

PALAVRAS - CHAVE: Família. Criança. Desenvolvimento Escolar. Referência Familiar.

¹ Educadora Infantil no CMEI Vó Totinha- Município de Realeza. Egressa do Curso de Pedagogia – FAMPER. Especialista em Arte Educação.

² Docente Faculdade de Ampére – FAMPER. Professora Mestre em História – UFPR, Professora de História e Educação Especial pela SEED- PR.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca discutir de como a referência familiar interfere no desenvolvimento educacional da criança, bem como em seus aspectos emocionais, psicológicos e sociais. Sabe-se que a família foi mudando seu papel a cada etapa da história, onde primeiro as crianças eram vistas como “mini adultos” e participavam de todos os eventos, desde enforcamentos públicos como orgias sexuais.

Não havendo diferenciação entre criança e adulto. Além de não frequentarem escola, tinham a obrigação de ajudar em todos os trabalhos que eram desenvolvidos pelas suas famílias. Além disso, as crianças e adolescentes também eram vistos como perturbadores da tranquilidade e da ordem das pessoas. Mais tarde se começa a olhar a criança com uma visão diferenciada, se dando atenção à infância. Já no século XXI à compreensão sobre a infância e seus envolvidos sofrem alterações, em decorrência desses processos temos para instrução e defesa de crianças e adolescentes como a elaboração do Estatuto da Criança e Adolescente – ECA.

Cabe ressaltar que não foi relatado apenas um modelo familiar de forma idealizador, mas sim a referência que a criança terá em sua educação. Pois na contemporaneidade não se tem um modelo a ser seguido, há uma ampla diversidade em relação à estrutura das famílias. O que nos interessa discutir e propor reflexão é a importância de que as crianças tenham pessoas capazes de garantir seus direitos, proteção e demais necessidades que lhe beneficiaram no decorrer de seu desenvolvimento ao longo da vida.

O objetivo da pesquisa se principia em analisar qual a importância da família e da escola na educação da criança na primeira infância. Bem como a formação da família, ou como a sua estrutura pode auxiliar na educação, personalidade e caráter da criança.

Para a elaboração da discussão será realizada uma pesquisa sobre qual o papel dos pais e o da escola em relação ao desempenho de cada um na formação e desenvolvimento da criança. Verificando qual a influência da estrutura familiar sobre a sua vivência social. Por fim entender como o ambiente familiar, influência a criança em todos seus aspectos de desenvolvimento.

A importância de estudar esse tema se dá por trazer um pouco mais de conhecimento aos pais, sobre como deve ser feita a educação da criança para que seus filhos possam ter um desenvolvimento adequado. Pesquisando uma explicação sobre o que a família pode propiciar de bom à criança, para que realmente desenvolva seu papel de educar, ensinando conceitos e valores.

Como a família é o primeiro ambiente de convívio da criança, dessa forma o ambiente familiar será sua primeira socialização. Por isso é necessário que ela tenha uma referência que possa lhe ensinar coisas boas, com exemplos, preparando-a para o convívio no mundo social.

A curiosidade do tema surgiu para melhor entender as atitudes das crianças na escola, em casa, na rua e como a educação passada pelos pais em casa poderá influenciar em sua vida adulta. Sondando através da pesquisa porque as crianças com diferentes formas de referência familiar, tem atitudes diferenciadas. Além de procurar as várias formas de famílias existentes na sociedade hoje, e não apenas focar em um modelo tradicional.

A coleta de informações ocorreu por meio de leituras, estudo e pesquisa, usando diversas fontes e autores para fundamentar o trabalho.

Inicialmente a Conceituação da Família, será proporcionada uma viagem na história antiga desde as primeiras formas de constituição familiar as várias representações hoje. A qual era apenas o modelo tradicional, a Igreja sendo detentora desse protótipo pai-mãe-prole. Na contemporaneidade as novas visões que se dá a Família, com várias representações entendendo que a sua constituição não implica no desenvolvimento da criança, mas sim os conceitos e educação que será passada pela mesma.

A infância em toda sua trajetória histórica também é contemplada, levando em consideração alguns marcos mais importantes do sentimento de infância. As crianças vistas apenas como adultos em miniaturas e engraçadinhas, servindo como forma de diversão dos adultos, e mais tarde sua conquista no espaço social, quando vários autores se preocupam no estudo da infância. Entendendo seu desenvolvimento, e os ambientes propícios para seu crescimento, começando a serem amparadas por leis sendo dever da família educar e do Estado ofertar ensino.

O que se busca com o trabalho é a reflexão entre a família e a infância, como a referência familiar pode propiciar um ambiente tranquilo à criança para que se torne um cidadão inserido e com participação social.

CONCEITUANDO A FAMÍLIA

Ao lembrar-se do tema família leva-se a pensar em cuidado, amor, carinho e um lar. Ainda remete-se a pensar no conjunto que forma a figura de marido e mulher, e consecutivamente os filhos. Assim, a família começa a aumentar os filhos se casam não quebrando esse vínculo familiar existente.

A importância na assistência e educação dos filhos que ela deve oferecer, além do mais na sua constituição onde pode ser por avós, tios e até mesmo pessoas do mesmo sexo, essas pessoas que formam a família estão unidas em um lar. De acordo com o Livro Família e Gênero:

Sempre que falamos de família, estamos usando um conceito muito amplo, que pode abarcar sentidos diferentes. Pode significar uma unidade familiar extensa, com pais, avós, tios, primos, irmãos e irmãs e agregados, vivendo (ou não) sob o mesmo teto. Pode ser também uma família nuclear, da qual só participam os pais e os filhos. pode ser um grupo de pessoas unidas por fortes laços de amizade, forjados na convivência e na solidariedade. (STREY, 2007, p.37)

Cabe aqui ressaltar, a importância da referência familiar para a vida da criança. Para isso analisaremos um pouco da história e a mudança ao decorrer do tempo da família na sociedade, entre suas características e formação.

Analisando o texto de Nogueira percebemos que é na Roma Antiga onde começa a aparecer alguns relatos de família, antes disso não há registros de organização familiar. Porém a instituição de família mesmo assim começou há muito tempo atrás, pois a Roma Antiga era uma pequena civilização do século VIII a.C. A forma de organização da família era pelo pai, o qual era o chefe, também quem mantinha poder sobre os bens. Sendo constituída por grandes grupos ligados por alguma forma de parentesco, devendo obedecer ao chefe superior patriarcal. Segundo Nogueira:

Foi a Antiga Roma que sistematizou normas severas que fizeram da família uma sociedade patriarcal. A família romana era organizada preponderantemente, no poder e na posição do pai, chefe da comunidade. O pátrio poder tinha caráter unitário exercido pelo pai. Este era uma pessoa sui jûris, ou seja, chefiava todo o resto da família que vivia sobre seu comando. (NOGUEIRA, acesso 28 de agosto, p.2)

Em muitas famílias o modelo foi constituído por pai, mãe e filhos, a qual deveria ser unida pelo matrimônio. A Igreja manteve influência e ainda sustenta a ideia da estrutura familiar tradicional. Assim:

O modelo de família consistia em pai-mãe-prole. Esse modelo de estrutura familiar era considerado ideal pelo mundo dominante de pensar na sociedade e, por isso, bastante usado para classificar todos os outros modos de organização familiar como desestruturados, desorganizados e problemáticos. Nesta compreensão de família há, sem dúvida, um julgamento que não é científico, mas moralista, pois utiliza um padrão como referência e considera os outros inadequados. (BOCK, 2002, p.247)

Com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil no século XV é que começa a terem-se registros de família e as formas ao longo dos séculos. Até o século XV, a família não era vista de forma sentimental, mas sim de forma moral e social. Para Áries: “A família quase não existia

sentimentalmente entre os pobres, e, quando havia riqueza e ambição, o sentimento se inspirava no mesmo sentimento provocado pelas antigas relações de linhagem.” (ARIÈS, 2006, p.231)

No século XVI e XVII surgem alguns contextos de família por meio das igrejas francesas e inglesas, as quais começaram a realização de registros por meio do batismo, casamento e morte. Nestes séculos a representação de família existente na época é a Família Aristocrata e Camponesa.

A Família Aristocrata era a parte nobre da sociedade, organizada por grandes grupos consistindo todos os graus de parentesco, sendo de sua responsabilidade manter a ordem, servir ao Rei e guerilhar. Já a Família Camponesa a classe mais pobre que viviam em aldeias, casavam-se tarde e tinham poucos filhos, que muitas vezes pela precariedade não chegavam à vida adulta.

O modelo de família no Brasil no século XVI, logo na sua colonização é pela Família Patriarcal, extremamente concentrado no modelo Medieval. O pai era o chefe absoluto responsável por governar. Mais tarde durante o século XVIII aparece na história brasileira o padrão de família nuclear, composta por pai, mãe e filhos.

A família nuclear tem no pai o seu provedor e na mãe a fonte dos cuidados do lar. Nela podemos ver nitidamente a separação entre o espaço público e o privado, e assim pouco se envolve com as atividades e eventos do mundo externo. Os filhos tornaram-se o centro dos cuidados e preocupações dos pais, tornando-se impossível perdê-los ou substituí-los sem passar por um grande sentimento de dor. (OLIVEIRA, acesso em 5 de setembro).

Posto que outro marco da história brasileira sobreveio no século XIX, onde se principia a pensar em uma ordem familiar. Esse novo método que começa a ser proposto vem para ocupar o espaço da escravidão, onde se pensava em famílias que cultivassem a sua terra. “Apostava-se na criação de uma cidadania feita de pequenos proprietários que fossem, ao mesmo tempo, trabalhadores, cultivando, com as próprias mãos e com o auxílio dos outros membros da família, sua parcela de terra.” (MARCILIO, 1993, p.38)

Essa urbanização que ocorreu no século XIX, desenvolveu um modelo de família com número mínimo de componentes tendo o formato próximo do que se tem atualmente.

Nos anos de 1930, mais precisamente no século XX, havia uma forte influência do modelo tradicional de família. Tendo uma colaboração entre o Estado e a Igreja para que se mantivesse esse modelo. A Igreja procurava o poder público na Era Vargas, o qual não manteve padrões e deixava aberto a outros pensamentos. Pois quando o Governo percebia que a influência da Igreja poderia interferir na política, reagia e não deixava as suas ideias sofrer influências. O livro História na Igreja no Brasil afirma que “o governo Vargas não se deixou absorver pelo projeto sacralizador católico,

mantendo-se aberto a outras correntes de pensamento mais aderentes aos padrões de modernidade.” (AZZI, 2008, p.341)

Outro acontecimento que destaca-se neste contexto histórico o qual chocou a Igreja foi o Casamento Civil, pois era totalmente contra, condenando quem se casa-se. Apenas mais tarde, durante o Estado Novo (1937- 1945) houve a regulamentação do casamento civil, o qual deveria acontecer apenas depois do religioso. Sendo que para o Estado era uma forma de registro das famílias, tendo como intuito defender e assegurar direitos as essas. Atualmente como regulamentação religiosa, esta condição esta em primeiro casar no civil para depois o recebimento do sacramento pela Igreja.

Esse medo que a Igreja tinha era sobre a possibilidade dos divórcios que aconteceriam, colocando em risco a reprodução das famílias e o modelo tradicional por ela pregado. Pois a Igreja concebia os filhos como sinal de uma benção divina. Para o autor do livro História na Igreja no Brasil: “O pendor por uma política natalista combinava perfeitamente com a orientação da Igreja, segundo a qual o matrimônio tinha como finalidade primária a procriação”. (AZZI, 2008, p.345)

Refletir sobre família no século XXI é rever os diferentes processos de formação. Em pleno século não se pode mais observar o modelo tradicional, evidentemente mantido ainda por alguns. Mas sim, abrir um novo olhar para as novas formas de estrutura, dentre elas estão às várias definições de família existentes: Família Monoparental, Família Comunitária, Família Arco-íris, Família Contemporânea e outras duas formas de representação de família que ainda destaca-se a Família Real e a Sagrada Família.

Família Monoparental é formada apenas pelo pai ou pela mãe que pode ser decorrido pelo motivo de morte, divórcio, abandono ou ainda a mulher decidir ter um filho de forma independente ou acabar ficando sozinha para a educação dessa criança. Família comunitária é dessa forma chamada pelo fato de todas as pessoas que a compõe auxiliar no processo de educação da criança. Já a Família Arco-íris que ainda é olhada de forma diferente pelas pessoas é composta por um casal homossexual, ou ainda por uma pessoa homossexual que é responsável pelo cuidado da criança. Também a Família Contemporânea é a troca dos papéis entre o homem e a mulher, sendo a mulher o chefe da casa que trabalha e busca o sustento, podendo muitas vezes ser composta pela mulher divorciada.

A representação da Família Real é por um soberano no Brasil não temos essa representação, que é por reis e rainhas os quais fazem a representação do povo. A Sagrada Família é a forma de representação da família cristã, representada por Maria, José e Jesus.

No Brasil há uma vasta forma de organização familiar, sendo que a sua forma de estrutura é necessária para a estabilidade da mesma. Faz-se necessário não apenas a socialização das pessoas na sociedade, mas sim entre a família, os comportamentos que são estabelecidos entre pais e filhos e também a sua forma de estrutura. Ainda, pensar em família é ver um grupo organizado que tem objetivos em comum.

Segundo Carvalho: “As pesquisas sobre a família no Brasil têm mostrado a diversidade na sua organização, tanto no que se refere à composição quanto no que diz respeito às formas de sociabilidade que vigoram em seu interior”. (CARVALHO, 1995, p.74)

FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE

A família é um grupo de pessoas ela não fica inata na sociedade, mas está em transformação assim como a sociedade. Ainda é na família que as crianças recebem influências dos pais e mães, os quais transmitem suas crenças sobre sexo e gênero por vezes de maneira inconsciente.

Na sociedade não há como representar uma família normal ou tradicional. Não convêm mais representar uma família apenas pelo modelo de pai (homem) mãe (mulher) e filhos. Há uma grande forma de constituição familiar, novos modelos que devem ser entendidos pela cultura, não existindo um padrão as novas formas de família. Desta maneira:

Existem discussões sobre, por exemplo um casal sem filhos(as) pode ser considerado uma família. Existem ainda insuficientes estudos sobre as famílias de casais homossexuais com ou sem filhos(as), sobre famílias monoparentais, sobre as chamadas famílias reconstituídas, sobre as famílias coletivas, e assim por diante. (STREY, 2007, p.20)

A família na sociedade hoje enfrenta dificuldades em relação às mudanças que ocorrem tanto na sociedade, como na cultura. Muitas vezes não se sabe distinguir qual é o seu papel perante o mundo social, o que deve ser seguido e instituído por elas.

Como já citado a mudança social e cultural, afeta na formação da família. Essas transformações fazem com que a família tome um novo rumo, mudando seu estilo de vida e formas de participação social. Até mesmo valores que eram mantidos, são perdidos dando espaço a

novidades, que correspondem à necessidade da família hoje. Segundo o Livro “Diretório da Pastoral Familiar”:

As transformações técnicas e sociais propiciam a formação de uma nova cultura, que influi nos hábitos, valores, costumes e comportamentos dos povos. Em decorrência disso, também a família passa por alterações em suas funções. [...] algumas mudanças que têm afetado a família ultimamente: existência ou superposição de diferentes modelos de “família”; novas concepções e técnicas de procriação; redução do número de filhos; emancipação da mulher e seu trabalho fora do lar; reflexo no interior da família do conflito entre gerações etc. (COMISSÃO NACIONAL DA PASTORAL FAMILIAR – CNPF., 2004, p.25)

Ainda outro fator que acarreta em consequências sobre a família é a globalização, decorrência da necessidade para diminuir a distância entre as pessoas, porém, curiosamente as distanciando mais ainda. Os meios tecnológicos estão aí, crianças precocemente com celulares, tablets e computadores e com pais ocupados e distraídos que buscam saciar as suas necessidades.

Hoje muitas crianças sofrem de forma por vezes traumática situações de mudanças drásticas em sua estrutura familiar, por exemplo, quando de uma separação entre o casal, ou até mesmo, outros contextos ainda poderiam ser expostos para exemplificar como em casos das tarefas do dia a dia que acaba desligando os pais dos filhos. Onde os mesmos passam a maior parte do tempo na escola, e quando estão em casa os pais não tem tempo de oferecer atenção. Pais sem expectativa de trabalho e vida melhor, possivelmente refletirá em filhos com as mesmas características. Segundo o artigo “A Relação Criança e Família”:

Nas famílias funcionais ou “saudáveis”, os membros tendem a favorecer o contato entre si, suas interações são afetuosas, abertas, empáticas e de confiança. Em contrapartida, os membros das famílias disfuncionais geralmente se mostram defensivos, distantes e hostis. As características que se descrevem as famílias funcionais correspondem à descrição de contextos que fomentam o desenvolvimento de uma adequada auto-estima nas crianças; dá-se o oposto nas famílias disfuncionais, cujas características se assemelham as que são descritas para os contextos que contribuem para desenvolver uma baixa auto-estima. (SILVA, acesso 29 de agosto).

O que acontece é que muitas vezes os pais acabam deixando só por responsabilidade da escola a educação de seus filhos, a falta de limite torna as crianças afirmarem-se como centro. Porém essas são questões ligadas não só a falta de limite, bem como a educação que foi dada a criança desde o seu nascimento. Que mais tarde prejudicam a sua vida escolar, pois pensam que o ambiente que tem em casa, é o mesmo na escola.

Muitas vezes os pais não estão preparados quando recebem a notícia de que terão um filho, e quando a criança nasce exige mais tempo e atenção de seus familiares. Os quais deparados com o choro sentem-se inseguros com a situação, com um sentimento de culpa e até rejeição daquela situação. Segundo Rappaporti, “quando negado ou inexistente, não é só indicador de patologia materna, como dificultará para a criança o estabelecimento de vínculos de amor com a figura básica de seu desenvolvimento inicial.” (RAPPAPORTI, 1981, p.12)

Essa rejeição feita pelos pais ao seu próprio filho torna o desenvolvimento da criança com traumas o que pode prejudicar no relacionamento da criança com outras pessoas. Muitas vezes as crianças têm atitudes que nem mesmos os pais sabem o porquê, mas é decorrente a essa rejeição pela qual a criança passou desde quando foi concebida.

Porém não só a negação da criança, mas também a desestruturação das famílias, as quais algumas só têm pai ou a mãe, onde ambos devem desenvolver o papel de pai e mãe. Sem contar que ainda trabalham o dia todo e tem os afazeres domésticos quando chegam em casa. Então não há tempo para a criança, a qual passa seu tempo em frente à televisão, sem ter conversa, atenção e carinho dos pais.

Mas nem sempre a desestruturação da família deve ser o motivo de deixar a educação dos filhos de lado, mas sim acompanhar o dia a dia da criança, pois conceitos que são passados para a criança hoje, mais tarde serão repassados aos filhos dela. Auxiliando para a relação familiar e social hoje e também nas relações futuras.

A família como forma de interação para a criança é de certa forma importante em seu processo de desenvolvimento, devendo participar de todas as etapas do seu crescimento. Por meio desse cuidado da família é que a criança internalizará conceitos a sua vida.

O acompanhamento da família na escola é a forma dos pais saberem o que acontece com seu filho durante o dia, podendo entender comportamentos. Auxiliando assim, na educação.

IMPORTÂNCIA DA REFERÊNCIA FAMILIAR

A importância da família para a educação da criança é que cada uma tem seus ideais e assume o que pensa ser adequado para os seus comportamentos sociais. Quando a criança tem referência de mãe e pai em casa ela é aprovada ou reprimida nas suas atitudes, vendo que o que fez é certo ou errado conforme orientação familiar, por vezes representada por uma figura materna de avó, tia, madrastra, e no mesmo caso referente à importante figura representativa masculina.

Sabe-se que a formação da família não importa o que se faz necessário, é que se eduque e crie a criança com amor e educação. Dando á ela atenção ás suas necessidades básicas, e indispensáveis. Não é a forma de constituição familiar que implicará em sua educação.

A família ainda é a base para que se possam instruir indivíduos com comportamentos ligados aos papéis sociais, também auxilia na composição da identidade e da personalidade de seus filhos. São os comportamentos que a criança aprende em casa que levará para a vida em sociedade, e para a escola.

Os conflitos que acontecem dentro da família não podem ser resolvidos com agressões físicas, quando se recorre a isso conseqüentemente é o que acontecerá dentro da família, comportamentos violentos. O que a criança aprende em casa é o que reproduzirá na sua vida adulta, posteriormente com seus filhos e na vida em sociedade.

A família é a primeira forma de educação da criança, pois será o primeiro grupo de convívio social que ela terá. Por isso a espera dela deve ser programada, e especialmente planejada, para que com seu nascimento os envolvidos em sua formação estejam dispostos a acompanhar esta criança em todas as suas necessidades.

Segundo Silva em “A Relação Criança e Família”:

Os pais e os irmãos constituem modelos muitos poderosos e significativos para criança. A influência que a vida familiar exerce sobre as crianças não se restringe apenas a lhe oferecer modelos de comportamento, já que ela também conforma sua conduta social através das diversas práticas de disciplina. O estilo familiar, os padrões de punição, o sistema de crença e os valores são elementos que tem impacto importante no desenvolvimento das habilidades sociais.(SILVA, Artigo, p.02)

O Artigo “A Relação Criança e Família”, mostra que regras impostas pelos pais e a forma de convívio entre irmãos, filhos e demais envolvidos tem fundamental importância na educação da criança. Objetivo primeiro desta nossa pesquisa, que almeja de forma defensiva discutir a participação essencial de família no desenvolvimento social, cultural, humano e especialmente educacional da criança.

São as primeiras relações que a criança tem que serão estabelecidas para a sua vida, desde brincadeiras. Sendo através da brincadeira que ela entenderá regras, lidar com conflitos e aprender significados novos.

Ao que se pode constatar hoje é que relações de afeto aprimoram a convivência e o desenvolvimento da criança. Quando os pais ensinam a ela regras morais de convívio e respeito ela estabelecerá autonomia sendo um sujeito com plena consciência.

Os pais e a escola devem andar juntos no processo de desenvolvimento da criança, um elogio em casa pode mudar o comportamento concedendo incentivo a mesma. Certamente não haveria tanta indisciplina na escola, se houvesse ajuda e compreensão dos pais, em buscar entender o que acontece no desenvolvimento de seu filho. Compreendendo as atitudes que deve tomar para educa-los, a fim de criar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres na sociedade.

Alguns comportamentos que a criança desenvolve é o modo que é tratada em casa pela sua referencia familiar, na escola e/ou até mesmo se participa de relações violentas ao seu redor. Acarretando em problemas e dificuldades de adaptação e desgosto na infância, podendo preponderar-se a vida adulta. “A família e a escola são os principais contextos de desenvolvimento, onde pais e professores são observadores privilegiados do comportamento da criança.” (BOLSSONI, 2006, p.02)

Outro aspecto importante que cabe relevar no desenvolvimento infantil é a identidade de gênero, tendo importância na constituição da personalidade. Sucedendo por meio da reprodução das atitudes dos pais ou de outras pessoas próximas. Para a formação dessa identidade na criança é necessário que a partir de sua primeira idade, seja possibilitado situações de socialização dela para com outras pessoas. Assim:

O processo de construção da identidade de gênero tem importância fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos, pois determina interesses, atitudes e comportamentos que o acompanharão ao longo da vida. O ponto de maior interesse sobre este tema refere-se à maneira pela qual ocorre a formação do conceito de identidade de gênero, através da qual os indivíduos irão perceber a existência da diferença sexual, posteriormente identificando-se como homens ou mulheres. (COSTA, 1999, p.01)

É de suma relevância os pais que a criança tem, propiciar momentos para que ela possa desenvolver essa identidade. Sendo papel da família a educação sexual, demonstrando a diferença entre o sexo feminino e masculino.

Dessa forma entende-se que a referência familiar enfim, não implica no desenvolvimento da criança, mas sim a estrutura dessa família. De nada adianta uma família com pai e mãe se a

convivência não for adequada. O que implicará na vida da criança é a educação que ela receberá, por aqueles que fazem parte do seu cotidiano.

EDUCAÇÃO DOS FILHOS

O papel da escola é de ensinar e passar conhecimentos, é o que deveria acontecer. Que as famílias se preocupassem com a educação de seus filhos deixando para a escola apenas o procedimento prático. De forma que, a escola apenas realizasse a forma de interação da criança para com a comunidade e com sua socialização com o meio. Neste aspecto:

As famílias são vítimas de uma pressão e da nova dinâmica da sociedade. Querem ter filhos, mas não podem deixar de trabalhar. Aí, se enchem de culpa por não terem tempo para ficar com as crianças e passam a apelar para soluções paliativas. Acabam vitimando as escolas, que têm que assumir a responsabilidade de educar seus filhos. (GUILHARDI, 2007, p.01)

O dever de educar é da família sendo papel fundamental dos pais, são necessários os ensinamentos de valores e virtudes, tendo ensinamentos a sua existência. Não deixando apenas por responsabilidade da escola, mas sim devendo cobrar o seu filho em casa em seus comportamentos inadequados. O pai não deve se esquivar da educação dos filhos deixando apenas como dever da mãe, mas sim os dois estarem em acordo com as decisões a serem tomadas, os dois deve passar disciplina.

Ambos não podem tirar a autonomia um do outro, e não tratar a criança no linguajar dela, mas manter-se firme. É preciso que o casal tenha um único princípio de educação a seguir pelos dois, se a educação da criança for por outra referência é importante que se imponha regras da mesma forma. Assim ela já cresce com a noção de que tem regras e deveres a cumprir.

É importante os pais saberem fazer a educação de seus filhos, de uma forma que não seja muito rígida e nem liberal. E que os dois realizem uma forma de acordo para que nem um cobre e o outro não, devendo estar em consenso em o que decidir á criança. Ainda quando se quer passar a criança bons exemplos e ensinamentos, é importante que a pessoa que é a referência também apresente bons exemplos.

CONCEITUANDO A INFÂNCIA

Nesta parte do trabalho se propõe a refletir em um conceito de infância, retornando ao passado analisando de como era vista e como é atualmente a sua longa trajetória na história. Entretanto nem sempre se deu de tal maneira importância para o tema, as crianças não eram vistas e entendidas pela sua idade, tão pouco os adultos.

A infância deve ser considerada com importância na sociedade, ou seja, hoje a criança faz parte das relações sociais, sendo necessárias ao seu desenvolvimento. Devendo por sua vez considerá-la como um sujeito histórico, conveniente a participar dessas relações sociais e sempre estar no âmbito da pesquisa para melhor entendê-la. Segundo o livro *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica* “É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida”. (KUHLMANN, 2010, p.30)

Para o historiador Ariès, até o século XVII não havia uma consciência notável sobre a infância, sem qualquer preocupação em diferenciar crianças de adultos, nem as etapas da vida por fases ou idade. Saía-se da infância apenas quando não fosse mais dependente dos familiares. Assim nos expõe Ariès: “só se saía da infância ao sair da dependência, ou, ao menos, dos graus mais baixos de dependência.” (ARIÈS, 2006, p.11).

Na Idade Medieval ainda se desconhecia a infância, e as representações de crianças feitas na época eram de pessoas adultas, porém apenas em tamanho menor. Relata-se que as imagens de crianças começaram a aparecer devido as representações de Anjos, Jesus Menino e a maternidade da Virgem Maria, no século XII. Estabelece-se assim a noção de criança:

A evolução em direção a uma representação mais realista e mais sentimental da criança começaria muito cedo na pintura: numa miniatura da segunda metade do século XII, Jesus em pé veste uma camisa leve, quase transparente, tem os dois braços em torno do pescoço de sua mãe e se aninha em seu colo, com o rosto colado ao dela. [...] o sentimento encantador da tenra infância permaneceu limitado ao Menino Jesus até o século XIV. (ARIÈS. 2006, p.19)

Não existia separação de crianças e adultos, geralmente estando juntos em todas as situações da vida no cotidiano. As crianças ainda eram vistas como engraçadinhas, servindo para divertir os

adultos. Seu papel na família não era de cumprir deveres como o de ir para a escola e brincar, mas sim ajudar em todas as tarefas. Vistas como *mini adultos* e não como crianças. Segundo Rappaporti:

Até a época relativamente próxima ao século XX, as crianças eram tratadas como pequenos adultos. Recebiam cuidados especiais apenas em idade precoce. A partir dos 3 a 4 anos participavam das mesmas atividades que os adultos, inclusive orgias, enforcamentos públicos, trabalhavam nos campos, vendiam seus produtos nos mercados, além de serem alvos de todo tipo de atrocidades pelos adultos. A partir do século XVII, a Igreja afasta a criança de assuntos ligados ao sexo, apontando as inadequações que estas vivências traziam a formação do caráter e da moral dos indivíduos. (RAPPAPORTI. 1981, p. 01)

Destaca-se que a descoberta da infância começou no século XIII, tendo uma maior atenção e tornando-se mais significativa no fim do século XVI e durante o século XVII. Sendo no século XVII que começou a se enfatizar fotos de crianças sozinhas e com suas famílias.

Ainda ressalta-se que a diferenciação de criança e adulto, começou pela vestimenta. Até no século XIII, a criança deixava os cueiros (faixas de tecido que eram enroladas em seu corpo), e passavam a serem vestidas como os homens da época.

Mais tarde no século XVIII, as crianças que eram da classe nobre ou burguesa tinham um traje para a sua idade. Já os pobres usavam roupas que ganhavam ou que compravam em belchiores, mercados que vendiam coisas usadas uma espécie de brechó. Ariès:

No século XVII, entretanto, a criança, ou ao menos a criança de boa família, quer fosse nobre ou burguesa, não era mais vestida como os adultos. Ela agora tinha um traje reservado à sua idade, que a distinguia dos adultos. Esse fato essencial aparece logo ao primeiro olhar lançado às numerosas representações de crianças do início do século XVII. (ARIÈS, 2006, p.32)

Portanto, percebe-se que a evolução do sentimento de infância na história ocorreu lentamente, até certo ponto não havendo preocupação com o desenvolvimento. As crianças não sendo diferenciadas dos adultos, não havendo nem uma vestimenta adequada a sua idade e quando aparecem vestes mais adequadas não eram todos que poderiam ter acesso, privilegiando apenas as crianças da classe burguesa.

ATENÇÃO A INFÂNCIA

Com o passar dos séculos vai se tendo maior atenção com a criança e sua infância, começa-se a preocupação em como deveria ser vista a criança e a sua inserção na sociedade. E que as

vivências que a criança tem implicam na formação do caráter e da moral de cada um. Segundo os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil:

Muitas vezes vista apenas como um ser que ainda não é adulto, ou é um adulto em miniatura, a criança é um ser humano único, completo e, ao mesmo tempo, em crescimento e em desenvolvimento. É um ser humano completo porque tem características necessárias para ser considerado como tal: constituição física, formas de agir, pensar e sentir. É um ser em crescimento porque seu corpo está continuamente aumentando em peso e altura. É um ser em desenvolvimento porque essas características estão em permanente transformação. As mudanças que vão acontecendo são qualitativas e quantitativas— o recém-nascido é diferente do bebê que engatinha, que é diferente daquele que já anda, já fala, já tirou as fraldas. O crescimento e o desenvolvimento da criança pequena ocorrem tanto no plano físico quanto no psicológico, pois um depende do outro. (BRASIL, 2006, p.14).

Os Parâmetros Nacionais de qualidade para a educação infantil/Ministério da Educação trazem um olhar diferenciado para o desenvolvimento da criança. E que todos os seus processos como físico, psicológico e afetivo são necessários para o seu desenvolvimento.

Consideravelmente um avanço em relação à proteção da infância é a criação da Lei nº 8.069 em 13 de Julho de 1990, passando a ser denominada como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Passando a garantir e assegurar educação, saúde, esporte e lazer. Conforme exposto:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2010, p.11)

Equivoca-se quem pensa que a criança começa a notar o ambiente ao seu redor apenas alguns dias após seu nascimento. Sua trajetória existencial começa no ventre, ou seja, a partir da sua concepção. Após seu nascimento internalizara sensações, emoções e sentimentos já notados enquanto estavam no útero de sua mãe.

É nesse momento quando concebida que a criança pode ser aceita ou negada, dessa forma quando o casal tem boa convivência. Quando esse bebê que está por vir for aceito será amado desde seus primeiros dias de concepção. Porém do contrário já será visto como algo que vem a atrapalhar, algo como indesejado. Trazendo traumas para o futuro desenvolvimento desta criança.

É por isso que se deve voltar toda a atenção para a educação da criança, observar as atitudes que se tem com ela desde seus primeiros dias de vida. Regras impostas desde seus primeiros meses e atitudes dos pais podem trazer á criança uma infância e educação mais tranquila.

Durante o desenvolvimento do bebê, se faz necessário que ele tenha convívio com regras, claro que não será imposto para a criança até porque não entenderá nada mesmo. Mas é trabalho dos pais seguirem essas regras, organizando horários e analisando a própria postura. Desta forma é:

a partir das situações do cotidiano que vão se sucedendo, inclusive em complexidade, organiza-se e amplia-se a circuitação neuronal, que é a expressão anatômica e dinâmica da estrutura neurológica responsável pela manifestação das reações comportamentais. (FRIEDMANN, 2011, p. 36).

A cada pesquisa realizada em artigos e livros levou a destacar a importância da referência familiar para a vida da criança, e também para o seu desenvolvimento saudável. Tal desenvolvimento saudável da criança seria um lugar com boas condições um ambiente tranquilo e não conturbado, contudo ainda necessita-se de pais preparados emocionalmente. Esse ambiente favorável deve ser proporcionado cuidados as suas necessidades, tanto quanto biológicas e neurológicas. Por consequência disso:

Quando a criança consegue lidar com as dificuldades que vão aparecendo em cada fase do seu desenvolvimento, acolhida e amparada por sensibilidade, afeto e compreensão dos pais, adquire segurança em seus próprios recursos psíquicos e emocionais. Passa a confiar nos vínculos que irão sustentar a construção de sua estabilidade emocional, independência e autoestima. (FRIEDMANN, 2011, p.110)

Freud foi o precursor nos estudos sobre o desenvolvimento da criança e sua personalidade, para ele os traumas que a criança passaria em sua infância, possivelmente desenvolveria um distúrbio na vida adulta. Traumas estes como abuso sexual, rejeição feita pelos pais, separação dos pais. Assim:

Freud chocava a humanidade no início do século XX com suas descobertas a respeito do desenvolvimento da personalidade da criança e com a constatação de que certos acontecimentos vivenciados na infância eram os determinantes principais de distúrbios de personalidade na idade adulta. Freud causou um impacto decisivo ao mostrar a importância dos primeiros anos de vida na estruturação da personalidade, determinando o curso de seu desenvolvimento futuro no sentido da saúde mental e da adaptação social adequada ou patologia. (RAPPAPORT. 1981, p.2)

Ou seja, um ambiente tumultuado, desestruturado e cheio de complicações fará com que a criança cresça rebelde, fragilizada, com baixa autoestima, e sem obediência pelos seus pais. Já um ambiente tranquilo e calmo propiciará à criança as primeiras noções de valores, sendo a criança o espelho dos adultos.

Como a criança é tratada em casa, pelos pais e familiares é que ela se desenvolverá, através das atitudes que formará seu desenvolvimento. A forma de resolver esse problema é aproximar a criança, família e escola, em uma convivência que haja comunicação. Bem como a participação dos pais no desenvolvimento de seus filhos, não deixando por responsabilidade apenas da escola, mas sim estar comprometidos com a educação dos mesmos, buscando interagir, e se preocupar com o que estão fazendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada conclui-se que houve mudanças significativas no processo de família e infância. Sendo que antes não se tinha essa preocupação que se tem na contemporaneidade, através da pesquisa notavelmente percebe-se que família, criança e educação devem estar ligadas com apoio ao desenvolvimento infantil.

Obviamente essa transformação da visão de família e infância foi lenta durante a história, ainda em mudanças construindo-se novos conceitos e significados. Nada é pronto e inacabado, assim como se percebe a mudança ao longo do tempo ainda tem muito a se aprimorar.

A família, por exemplo, antes vista de forma tradicional pai-mãe-prole, com uma vasta diferenciação hoje a qual pode ser constituída por casais homossexuais á tios, avós ou conhecidos. Da mesma forma a criança, pela qual não se possuía sentimento de infância sendo o adulto em miniatura ou até mesmo a forma de diversão dos adultos, na atualidade entendida por todo seu processo de desenvolvimento social, psicológico, emocional, motor e cognitivo.

Cabe ressaltar, que o objetivo da pesquisa trás como base a importância da referencia familiar para o desenvolvimento infantil com o auxilio da escola.

Sendo que a referencia que a criança tem em casa contribuíra de forma significativa ao seu crescimento, pais comprometidos proporcionarão um melhor desenvolvimento ao seu filho. Além do mais, o que a criança aprende hoje em casa, é o que seguirá em sua vida adulta.

O que se deve cuidar é a forma de educação que se dá a criança, para que não se torne papapicação. Desde cedo ela deverá saber conviver com regras, até mesmo desde seu nascimento, para que mais tarde as pessoas que cuidam das crianças não venham sofrer com birras, por parte da criança.

O que implicará na educação da criança é a forma em que será criada, a forma de organização familiar não fará diferença, mas sim a convivência que está família tem. Importando realmente os significados e valores que as pessoas responsáveis pela educação irão passar e de que forma ensinarão.

Reafirmamos não defender este ou aquele ideal utópico de família, defendemos sim o direito das crianças serem atendidas com carinho, cuidado, responsabilidade que resultará qualidade na formação e desenvolvimento social dos envolvidos.

Considera-se, portanto, a suma importância do acompanhamento da família a escola, por isso se faz necessário integrar os pais através de projetos. Que os façam acompanhar seu filho na escola destacando a significância da família aos mesmos, buscando a aproximação desta no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil: Ensaio e Interpretações a partir do povo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.341

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **A Psicologia do Desenvolvimento**. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair;

Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M., Pereira, V. A., Manfrinato, J. W. S. **Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento de Pré-Escolares: Comparando Avaliações de Mães e de Professoras**. 2006.

BRASIL. Estatuto Da Criança E Do Adolescente. 9º. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica** – Brasília, DF. 2006.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995.

Faculdade de Ampère – FAMPER. Anais do III Congresso Internacional de Educação do Sudoeste do Paraná: Desafios Contemporâneos, de 22 a 26 de outubro de 2018. Ampère-PR: Coordenação de Pesquisa e Extensão da FAMPER. (trabalhos completos). ISSN 2358-6982.

COMISSÃO NACIONAL DA PASTORAL FAMILIAR – CNPF. Diretório da Pastoral Familiar. São Paulo, 2004.

COSTA, Fernanda Ortiz; ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon. **A Influência Da Socialização Primária Na Construção Da Identidade De Gênero: Percepções Dos Pais.** Paidéia, FFCLRP-USP. Ribeirão Preto, Junho. 1999.

FRIEDMANN Adriana; CHIESA Anna Maria ; CASTRO Claudia Medeiros de ; SEGRE Conceição Aparecida Mattos ; CYPEL Lia Rachel Colussi; SOUZA Sandra Regina; CYPEL Saul ; LIPPI Umberto Gazi. **Fundamentos Do Desenvolvimento Infanti : Da GestaçãO Aos 3 Anos.** São Paulo : Fundação Maria Cecília Souto. Vidigal, 2011.

GUILHARDI, Hélio J. **É Preciso Ser Menos Egoísta.** A Gazeta. Vitória – ES. 2007.

KUHLMANN, Junior Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre, 2010.

MARCILIO, Maria Luiza. **Família, Mulher, Sexualidade e Igreja na História do Brasil.** Edições Loyola. São Paulo. 1993.

NOGUEIRA, Mariana Brasil. **A Família: Conceito E Evolução Histórica E Sua Importância.** Disponível em: <<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/anexos/18496-18497-1-PB.pdf>> Acesso em 28 de Agosto.

OLIVEIRA, Aloídes Souza de. **Família: Um Desafio para os Assistentes Sociais.** Disponível em:<http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11575> Acesso em 05 de Setembro.

RAPPAPORTI Clara Regina, ROCHA Wagner Fiori, DAVIS Cláudia. **Psicologia do Desenvolvimento.** São Paulo: EPU, 1981

SILVA, Cínthia Cristina Carvalho Da. **A Relação Criança e Família.** Disponível em: <<http://www.univar.edu.br/revista/downloads/relacaocriancaefamilia.pdf>> Acesso em 29 de Agosto.

STREY, Marlene Neves; NETO SILVA, João Alves da; HORTA, Rogério Lessa. **Família e Gênero.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.